

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA
**MERCADO
DE TRABALHO**

3º TRIMESTRE DE 2020

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan

Walter de Freitas Pinheiro

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais
da Bahia – SEI

Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Pesquisas – Dipeq

Jonatas Silva do Espírito Santo

Coordenação Editorial

Guillermo Javier Pedreira Etkin

Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica

Luiz Fernando Araújo Lobo

Silvânia Ferreira Conceição

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi

Normalização

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Editoria-geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo

Ludmila Nagamatsu

Revisão

Elvira Mejía

Editoração

Alderlan Oliveira

Projeto Gráfico

Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.

Cep: 41.745-002. Salvador(BA)

Tel.: (71) 3115 4733 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

sei@sei.ba.gov.br

3º TRIMESTRE DE 2020 **1**

CENÁRIO ECONÔMICO **2**

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED **3**

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC **10**

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO **14**

Expectativa dos empresários baianos para o emprego **14**

NOTA METODOLÓGICA **16**

Pesquisa de confiança do empresariado baiano **16**

3º TRIMESTRE DE 2020

A despeito de alguns resultados favoráveis, o momento ainda não permite comemorações. O cenário festivo, anunciado por alguns analistas, deve ser visto com prudência e sob ressalvas. Se a atividade econômica em território brasileiro já se encontrava em marcha lenta antes mesmo da pandemia eclodir, não parece ser a solução dessa questão sanitária o fator chave para catapultar o desempenho econômico. Enfim, sem menosprezar os impactos negativos de um flagelo de ordem planetária e proporções gigantescas, é preciso ter ciência que a epidemia do novo coronavírus não desencadeou uma crise no país, mas sim agudizou uma cena previamente fragilizada por desequilíbrios e marcada por um processo lento de recuperação econômica e do emprego. Isso tudo sem tratar de um provável recrudescimento desse caldo viral que vem se espalhando pelo mundo há quase um ano, seja como uma segunda onda ou como uma continuidade da primeira – situação com potencial para se credenciar numa ameaça adicional para a recuperação de curto prazo da economia brasileira como um todo.

No terceiro trimestre, mesmo perpassado o epicentro temporal da crise pandêmica e com evolução na margem de alguns indicadores (dada a base extremamente deprimida), não há dúvidas de que a economia local ainda se encontra em um dos seus momentos mais delicados, marcada por dificuldades em algumas atividades produtivas e no emprego. Nesse contexto, o mercado de trabalho, um dos últimos pilares a materializar uma reabilitação, ainda vai repercutir por muito tempo as consequências desse desequilíbrio econômico e social – alavancado ao patamar de crise –, fruto da expansão exponencial da epidemia do novo coronavírus aqui e ao redor do mundo. Assim, com o problema sanitário sem uma solução definitiva no curtíssimo prazo, não há outra compreensão senão a de que o ritmo de qualquer recuperação econômica se encontra incerto nesse instante, ainda carecendo do crivo da sustentação. Nas atuais circunstâncias, o receio pela formação e aproximação de uma segunda onda na economia e no emprego não deve ser totalmente menosprezado.

A conjuntura laboral baiana foi examinada, neste boletim, tendo por base os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). As análises sob os atuais contornos requerem compreender que o olhar ainda se deu, infelizmente, de um ponto situado num nível muito abaixo ao de outrora. Como será possível acompanhar ao longo do texto, as informações levantadas e as considerações erigidas apontaram que o mercado de trabalho baiano ainda se encontrava consideravelmente fragilizado no terceiro trimestre, repercutindo em grande medida a catástrofe desencadeada pela pandemia do novo coronavírus há alguns meses. Apesar da recomposição de alguns indicadores no período recente, principalmente aqueles revelados pelos dados oficiais do Caged via Secretaria Especial da Previdência e Trabalho (estrutura originada do rebaixamento do antigo Ministério do Trabalho), fica patente a necessidade de maiores avanços para se ter caracterizada uma recuperação ampla e enraizada. Assim, a cautela se constitui num dos pré-requisitos para a compreensão da grandeza e do alcance de qualquer reabilitação que possa ter sido observada por ora.

CENÁRIO ECONÔMICO

Segundo dados recentemente divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica do estado, em termos de Produto Interno Bruto (PIB), sofreu uma contração de 4,1% no confronto com o mesmo período do ano anterior. Esse novo tombo, segundo seguido nessa base de comparação, reforça a percepção de que a economia baiana provavelmente demorará a se reestabelecer. A performance não será outra senão a da morosidade. A estimativa da SEI para a taxa de crescimento do PIB baiano deste ano, por exemplo, indica um recuo de 3,7%.

Apesar de não generalizado e da heterogeneidade entre os setores, o recuo observado retrata um contexto bastante delicado e preocupante. A indústria ainda demonstra desempenho fraco e pouco robusto e o setor de serviços permanece sendo o de maior debilidade. O terceiro trimestre, no entanto, indica certa suavização da crise, que teve seu epicentro nos meses do trimestre imediatamente antecedente. A atividade agropecuária, por exemplo, além de não ter repercutido os efeitos desse novo colapso, tende a confirmar a maior produção física anual de grãos da série. O setor de comércio foi outro que mostrou algum avanço, um alento após seis desfechos trimestrais negativos. O empresariado baiano, por sua vez, começou a indicar recuperação da esperança de restabelecimento no quadro geral em médio prazo, visto que o indicador de confiança, após desabar e registrar pessimismo bastante elevado, passou a sinalizar atenuação da incerteza e do pessimismo ao longo do trimestre analisado.

De maneira efetiva, conforme o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativo ao mês de setembro, a estimativa para a safra baiana de grãos de 2020 apontou para uma possível expansão de 20,3% em relação ao volume do ano anterior, quando a produção totalizou 8,3 milhões de toneladas. A produção física de grãos, assim, deverá fechar o ano com aproximadamente 10,0 milhões de toneladas – o que significará o melhor resultado já registrado. Dessa forma, diante da expectativa de retração de 0,7% da área colhida, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, deverá se ampliar em 21,1%.

Em relação à indústria, de acordo com as informações da Pesquisa Industrial Mensal, do IBGE, a produção baiana, acumulada de julho a setembro de 2020, teve uma retração de 4,6% frente ao montante produzido no mesmo intervalo de 2019 – emendando seis quedas seguidas nessa base de comparação. O decréscimo no ritmo produtivo do setor ocorreu tanto na indústria de transformação, a qual regrediu 4,5%, quanto na extrativa, com recuo de 7,5% em relação ao terceiro trimestre do ano passado. No acumulado de 12 meses, o quadro foi de revés para o total da atividade fabril, com diminuição de 5,7% em relação a igual período imediatamente anterior.

O setor de serviços apresentou nova retração no trimestre mais recente. Conforme a Pesquisa Mensal de Serviços, do IBGE, o volume de serviços prestados, acumulado entre julho e setembro de 2020, em relação ao observado nos mesmos meses de 2019, exibiu uma redução de 22,2% – 16ª queda seguida, após três altas sucessivas na comparação interanual por trimestre móvel. No acumulado dos últimos 12 meses, a variação continuou negativa, apontando retrocesso de 14,4% no ano.

Relativamente à atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio, do IBGE, mostrou uma alteração positiva no volume de vendas do varejo baiano no terceiro trimestre de 2020 no confronto interanual, com alta de 3,8%. A comparação com o mesmo período do ano anterior apresentou o primeiro avanço, após seis recuos consecutivos. No acumulado de 12 meses, frente a igual intervalo imediatamente anterior, o indicador para o volume de vendas apontou atrofia de 3,1% – completando seis meses com resultado abaixo de zero nessa base de comparação.

Por fim, ao final do trimestre, conforme o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), calculado pela SEI, a confiança do empresariado local ainda se mostrou fatigada, apesar de menos atrofiada do que nos meses do trimestre imediatamente antecedente. Dentro do próprio trimestre, exibiu comportamento regenerativo, dando prosseguimento a uma trajetória de recuperação iniciada no mês de junho – distanciando-se, assim, seguidamente, do menor estágio da série histórica, assentado em maio (-564 pontos). Em vista disso, uma nova dinâmica de retomada da confiança dos empresários do estado parece ter ganhado fôlego ao longo do terceiro trimestre de 2020 (em julho, -347 pontos; em agosto, -301 pontos; e em setembro, -220 pontos), repercutindo um processo de abrandamento do recrudescimento recente da incerteza e de melhoria das expectativas. Enfim, alimentando um viés de alta, mesmo que ainda indicando pessimismo moderado, os últimos resultados do ICEB ampliaram o movimento de resgate da confiança no meio empresarial baiano e voltaram a suscitar a crença em um cenário mais otimista num futuro próximo.

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED

De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, na Bahia, no terceiro trimestre de 2020, o saldo de empregos com carteira assinada foi positivo, indicando uma geração líquida de 30.063 postos¹. A dinâmica com mais admissões que desligamentos foi apurada em cada um dos meses do referido intervalo. O mês de setembro foi o de melhor resultado, com mais 16.923 vagas – revelando-se, também, o melhor resultado do ano e maior saldo mensal desde o verificado em maio de 2010 (+19.682 postos). Os meses de julho e agosto testemunharam excedentes menos destacados, com surgimento de 4.253 e 8.887 novos postos, respectivamente – indicando, assim, tonificação do ritmo da alta ao longo do trimestre. Além do mais, em termos de saldo, cada um desses três meses evidenciou um desempenho superior ao do mês correspondente do ano anterior.

1 Conforme a Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (SEPRT), seguindo um cronograma de implantação com término em novembro de 2021, o Caged vem sendo substituído pelo Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial) como meio para a prestação de informações por parte do empregador. A fim de assegurar a qualidade e a integridade das estatísticas do emprego formal e evitar lacunas decorrentes de falta de prestação da informação ou de inconsistências causadas por migrações de sistemas, a SEPRT vem se utilizando do método de imputação e compatibilização de dados de outras fontes, dando origem ao que se convencionou chamar de novo Caged – mas que aqui, por praticidade, continuará sendo identificado simplesmente como Caged. No futuro, quando todas as empresas estiverem desobrigadas a declarar o Caged, o eSocial será a única fonte de dados a alimentar o novo Caged.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no terceiro trimestre de 2020, com 697.296 postos a mais. Vale ressaltar, também, que todas as regiões originaram postos de trabalho. O Sudeste, com a eclosão de 280.783 vagas, evidenciou a melhor situação. A Região Centro-Oeste registrou a menor geração líquida, com um surgimento de 53.557 empregos celetistas. Das unidades da Federação, não houve fechamento líquido em qualquer uma delas. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 30.063 oportunidades ocupacionais, ficou na sétima posição, bem acima da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia ficou com o terceiro melhor desempenho, enquanto Pernambuco (+39.569 postos) e Sergipe (+3.133 postos) exibiram o maior e o menor saldo no período, respectivamente.

Sob médias móveis de 12 meses, abarcando os registros do trimestre mais recente, a Bahia acabou de experimentar o sexto saldo negativo consecutivo de empregos formais² – circuito iniciado em abril deste ano (Gráfico 1). Antes disso, porém, houve um intervalo de 28 resultados mensais ininterruptos com geração líquida de oportunidades ocupacionais, cujo auge ocorreu em junho passado (+3.308 postos) – no entanto, com altos e baixos, principalmente nos últimos meses, o que ampliava a suspeição quanto à intensidade da restauração. Ao longo do primeiro trimestre deste ano, o retrospecto pouco vigoroso foi reforçado com três recuos em sequência, carregando a pecha de um percurso arrastado e sem tração para o ano de 2020 e reafirmando toda a lentidão do processo de regeneração. Para completar, no segundo trimestre, solapado pela grave crise, decorrente do surto do novo coronavírus e de seus desdobramentos, o estado se deparou com mais um desequilíbrio e voltou a exibir saldo médio negativo de vagas, vivenciando assim o início de mais uma fase de contração.

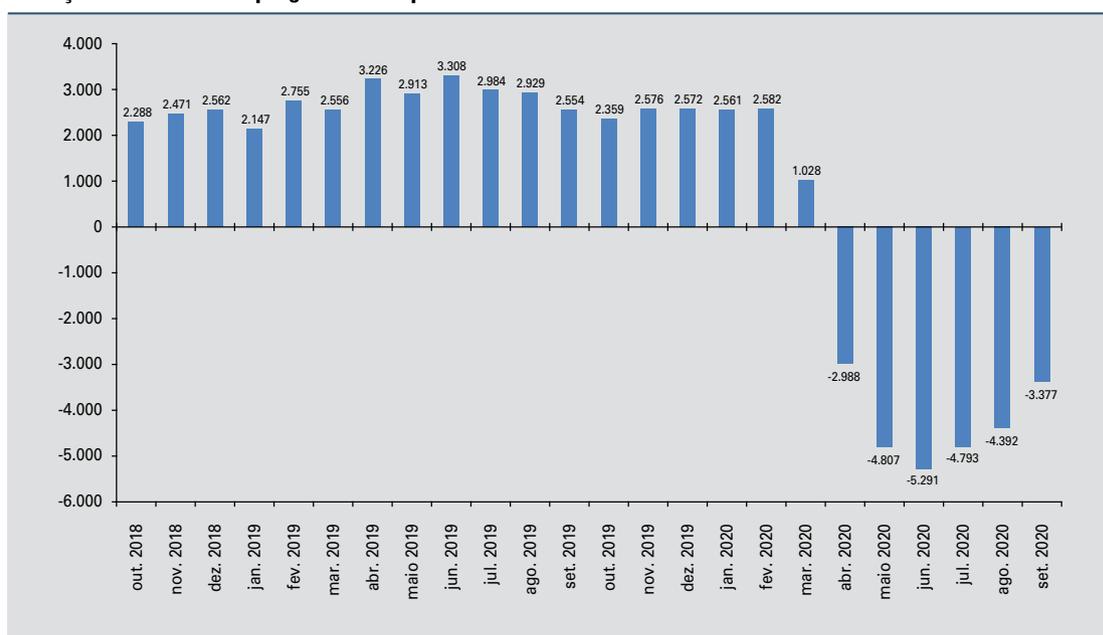
Enfim, mesmo sem ter conseguido ratificar uma fase pujante e enraizada de restabelecimento – já que desde o pior momento da conjuntura recente, em junho de 2016, quando da perda líquida média de 7.384 postos, seguiu-se apenas um itinerário paulatino de reabilitação –, o mercado de trabalho baiano se defrontou com o fim forçado desse processo de regeneração³. Esse novo intervalo de supressão de postos, apesar do recuo vertiginoso, do elevado nível de incerteza presente inicialmente e dos contornos dramáticos, começou a perder força ao longo do terceiro trimestre, dirimindo assim o potencial inicial de consolidação da musculatura desse ciclo contracionista.

2 Ao longo do texto, no que se associa ao contexto do Caged, o termo emprego formal se refere à relação empregatícia com contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

3 Dadas as diferenças metodológicas e as distintas naturezas de captação existentes entre o Caged e o eSocial, como bem reforça a SEPRT, as mudanças em curso iniciaram uma nova série de dados do mercado de trabalho formal. Por isso, a comparação com períodos anteriores ao ano de 2020 não é recomendada. Aqui, a comparação foi mantida, deixando expostos os alertas. Outra observação a se levar em conta diz respeito ao fato de as declarações fora do prazo remanescentes do ano de 2019 (as que não se encontram mais em curso de recebimento) ainda não terem sido disponibilizadas.

Gráfico 1

Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de 12 meses – Bahia – Out. 2018-set. 2020



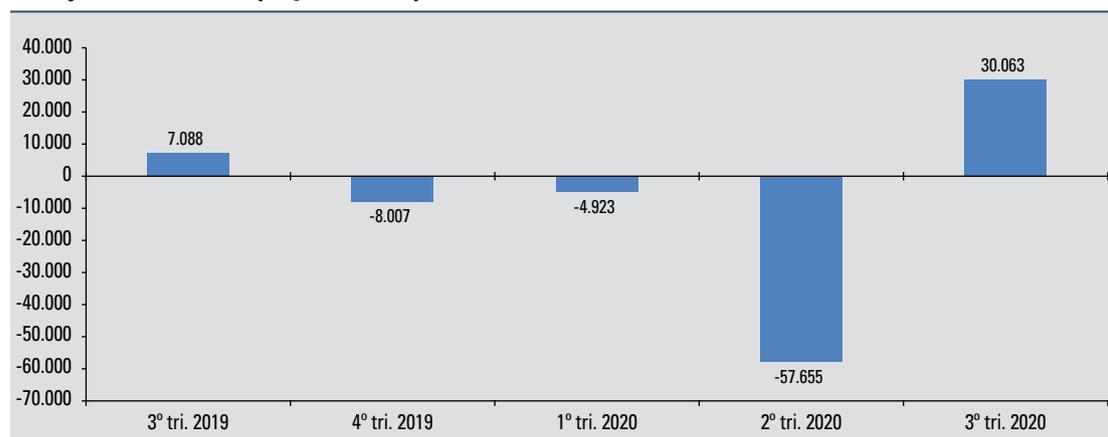
Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020; ii) em 2020, excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; e iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados.

Em 2020, até setembro, foram eliminados 32.515 postos na Bahia, o que representou uma diminuição de aproximadamente 1,9% no estoque de 1.712.710 empregos com carteira assinada existente quando se iniciou o ano – minando, assim, o entusiasmo quanto ao processo de reabilitação vivenciado nos anos de 2018 e 2019, quando emergiram 30.746 e 30.858 novos postos, nessa ordem. Com esse resultado ficou muito mais difícil neutralizar as perdas dos anos da última crise, quando quase 150 mil postos celetistas foram encerrados – especificamente 76.090 e 73.067 postos em 2015 e 2016, respectivamente.

A variação positiva de postos de trabalho observada no intervalo mais recente na Bahia foi a quarta seguida quando se volta aos saldos dos terceiros trimestres. Mais do que isso, o conjunto dos meses de julho a setembro deste ano no estado, ao evidenciar considerável expansão do nível de emprego, amparou o maior saldo para um terceiro trimestre desde o observado em 2010, quando 40.596 novos contratos com carteira foram assinados. Aliás, o que é ainda mais alentador, trata-se do melhor resultado trimestral desde o registrado no segundo trimestre de 2011 (+43.745 postos). Isso tudo após o pior resultado para um trimestre desde o início da década passada pelo menos.

Como exposto pelo Gráfico 2 logo abaixo, o saldo trimestral mais recente foi o primeiro positivo do ano e representou uma interrupção na sequência de três resultados negativos seguidos, já que o trimestre derradeiro de 2019, o inaugural e o segundo deste ano amargaram perdas líquidas de 8.007, 4.923 e 57.655 postos, na devida ordem. Um ano antes, porém, o cenário também era favorável, mas repercutindo um saldo bem menos pronunciado, com o mercado de trabalho baiano comemorando uma eclosão de 7.088 novas vagas à época

Gráfico 2**Evolução do saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 3º tri. 2019-3º tri. 2020**

Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020; ii) em 2020, excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; e iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados.

A dilatação do mercado de trabalho formal baiano no terceiro trimestre atingiu todos os estratos setoriais, pois houve surgimento líquido de postos em todos eles⁴. Nesse quesito, a situação se mostrou mais favorável do que a do mesmo trimestre do ano anterior, quando um dos setores fechou mais vagas do que abriu. Além do mais, em termos de saldo, todas as cinco atividades exibiram um desempenho melhor do que há um ano. O contraponto com o intervalo imediatamente antecedente, por sua vez, apontou uma conjuntura sensivelmente mais próspera, visto que somente um setor contabilizou saldo positivo no segundo trimestre de 2020, e, ao mesmo tempo, todas as atividades revelaram resultado líquido pior naquele intervalo (Tabela 1)⁵.

Em uma avaliação setorial, como dito anteriormente, todos os estratos setoriais incorporaram novos postos de trabalho. A *Indústria geral* e a *Construção* destacaram-se com os desempenhos mais proeminentes entre as categorias, com a geração líquida de 7.886 e 7.645 postos de trabalho no terceiro trimestre de 2020, respectivamente. Em seguida, conforme se pode acompanhar pela tabela logo abaixo, os setores de *Serviços* (+5.299 postos), *Comércio* (+4.417 postos) e *Agropecuária* (+4.278 postos) exibiram contratação líquida de trabalhadores no citado intervalo no estado da Bahia.

4 Em sintonia com o IBGE na divulgação das estatísticas da PNADC, a SEPRT passou a adotar a classificação de atividades econômicas baseando-se na agregação das seções da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0). No entanto, a fim de diminuir o número de estratos e de otimizar a análise das estatísticas de emprego formal, as seções foram agrupadas em atividades semelhantes, culminando em cinco grandes categorias: *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura*; *Indústria geral*; *Construção*; *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas*; e *Serviços*.

5 O grupamento de atividade denominado *Indústria geral* subdivide-se em quatro seções: *Indústrias extrativas*; *Indústrias de transformação*; *Eletricidade e gás*; e *Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação*. Enquanto isso, o de *Serviços* possui 14 desagregações: *Transporte, armazenagem e correio*; *Alojamento e alimentação*; *Informação e comunicação*; *Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados*; *Atividades imobiliárias*; *Atividades profissionais, científicas e técnicas*; *Atividades administrativas e serviços complementares*; *Administração pública, defesa e seguridade social*; *Educação*; *Saúde humana e serviços sociais*; *Artes, cultura, esporte e recreação*; *Outras atividades de serviços*; *Serviços domésticos*; e *Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais*.

Tabela 1**Saldo de empregos formais por agrupamento de atividade econômica, por trimestre – Bahia
– 3º tri. 2019/2º tri. 2020/3º tri. 2020**

Grupamento de atividade econômica	3º tri. 2019	2º tri. 2020	3º tri. 2020
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	-2.895	919	4.278
Indústria geral	3.374	-8.721	7.886
Construção	5.037	-8.154	7.645
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	694	-14.902	4.417
Serviços	878	-21.190	5.299
Ajustes não discriminados	-	-5.607	538
Total	7.088	-57.655	30.063

Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020; ii) em 2020, os saldos dos trimestres não contam com as declarações fora do prazo, as quais se encontram reunidas sob a rubrica Ajustes não discriminados; e iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados.

Quanto à distribuição intraestadual, no terceiro trimestre deste ano, a Região Metropolitana de Salvador (RMS) e o interior experimentaram surgimento líquido de vagas, semelhantemente ao ocorrido um ano antes, quando tal fato também ocorreu em ambas as regiões (Tabela 2). Enquanto na RMS foram absorvidos 10.978 novos empregados com registro em carteira no trimestre mais recente, no interior, o resultado foi de 19.085 postos a mais – expondo, portanto, uma conjuntura mais favorável agora do que há um ano, tanto para uma quanto para a outra. Em comparação com o trimestre imediatamente antecedente, quando oportunidades foram suprimidas nas duas regiões, o cenário atual se mostrou totalmente oposto em ambas, com saldos positivos protuberantes.

Quando se volta para o acumulado do ano, ao longo dos nove meses iniciais, portanto, a supressão líquida de empregos formais na Bahia (-32.515 postos) foi influenciada principalmente pelo desempenho negativo da RMS (-25.808 postos), já que o interior (-6.707 postos) registrou uma perda líquida de postos menos expressiva, o que colocou aquela instância geográfica como núcleo principal da significativa perda de dinamismo do mercado de trabalho formal no território baiano neste ano.

Tabela 2**Saldo de empregos formais entre RMS e interior, por trimestre – 3º tri. 2019/2º tri. 2020/3º tri. 2020**

Área geográfica	3º tri. 2019	2º tri. 2020	3º tri. 2020
Bahia	7.088	-57.655	30.063
RMS	939	-30.760	10.978
Interior	6.149	-26.895	19.085

Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020; ii) em 2020, excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados; e iv) a RMS engloba os municípios de Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz (Lei nº 13.468/2015).

O saldo positivo de 30.063 empregos formais na Bahia, observado no terceiro trimestre, foi proveniente de 133.300 admissões e 103.237 desligamentos, indicando uma movimentação reduzida historicamente, principalmente por conta dos desligamentos. Em relação ao mesmo trimestre do ano antecedente, tanto as admissões quanto as deposições recuaram – aquelas em 17,2% (27.768 admitidos a menos) e estas em 33,0% (50.743 desligados a menos). Pelo visto, a recuperação do mercado de trabalho baiano no trimestre mais recente, com o maior saldo desde o início da década atual, decorre enormemente do recuo das dispensas – posto que o total encolheu enormemente e se encontra num nível considerado extremamente baixo em termos históricos –, dada a persistente apatia na reposição de quadros.

Conforme a tabela abaixo, houve recuo na maioria das formas de movimentação no mercado de trabalho baiano no terceiro trimestre de 2020 em relação ao mesmo trimestre de 2019⁶. Em termos absolutos, a queda nas admissões ecoou essencialmente a redução em duas das formas de contratação: o contrato de trabalho por prazo determinado e a admissão por reemprego. Enquanto isso, o encolhimento nos desligamentos foi puxado principalmente pelo decréscimo verificado nos desligamentos por demissão sem justa causa e nos desligamentos por término de contrato.

No campo das admissões, o reemprego⁷, tipo de contratação mais comum, diminuiu 5,7% na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. Quanto aos desligamentos, a demissão sem justa causa, forma mais habitual de findar uma relação empregatícia, apresentou decréscimo de 33,3%. No geral, entre todas as categorias, em termos relativos, os termos de contrato de trabalho por prazo determinado (+69,6%) e as admissões por reintegração (+28,7%) exibiram as maiores altas de um trimestre para outro. Na outra ponta, os desligamentos por término de contrato (-97,1%) e os contratos por prazo determinado (-97,0%) apresentaram os recuos de maior magnitude relativa⁸.

Tabela 3
Comportamento do mercado de trabalho formal por tipo de movimentação no quadro de empregados
– Bahia – 3º tri. 2019/3º tri. 2020

Tipo de movimento	3º tri. 2019	3º tri. 2020	Variação	
			Relativa	Absoluta
Admissão por reemprego	131.596	124.071	-5,7%	-7.525
Admissão por primeiro emprego	12.818	8.565	-33,2%	-4.253
Contrato trabalho prazo determinado	16.518	489	-97,0%	-16.029
Admissão por reintegração	136	175	28,7%	39
Admissão por transferência	0	0	-	-
Total de Admissões	161.068	133.300	-17,2%	-27.768
Desligamento por demissão sem justa causa	100.810	67.206	-33,3%	-33.604
Desligamento a pedido	20.110	18.251	-9,2%	-1.859
Término contrato trabalho prazo determinado	7.914	13.422	69,6%	5.508
Desligamento por acordo empregado e empregador	1.448	1.069	-26,2%	-379
Desligamento por demissão com justa causa	1.125	742	-34,0%	-383
Desligamento por término de contrato	21.931	639	-97,1%	-21.292
Desligamento por morte	503	580	15,3%	77
Culpa recíproca	-	90	-	-
Desligamento por aposentadoria	139	26	-81,3%	-113
Desligamento por transferência	0	0	-	0
Desligamento de tipo ignorado	-	5	-	-
Não identificado	-	1.207	-	-
Total de Desligamentos	153.980	103.237	-33,0%	-50.743
Saldo (Admissões - Desligamentos)	7.088	30.063	-	-

Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020; ii) em 2020, excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; e iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados.

6 O desligamento por acordo se trata de uma nova categoria de movimentação, criada pela mais recente reforma trabalhista (Lei nº 13.467/17), cuja vigência teve início no dia 11 de novembro de 2017.

7 Reempregado é aquele que já havia exercido ocupação formal no mercado de trabalho anteriormente

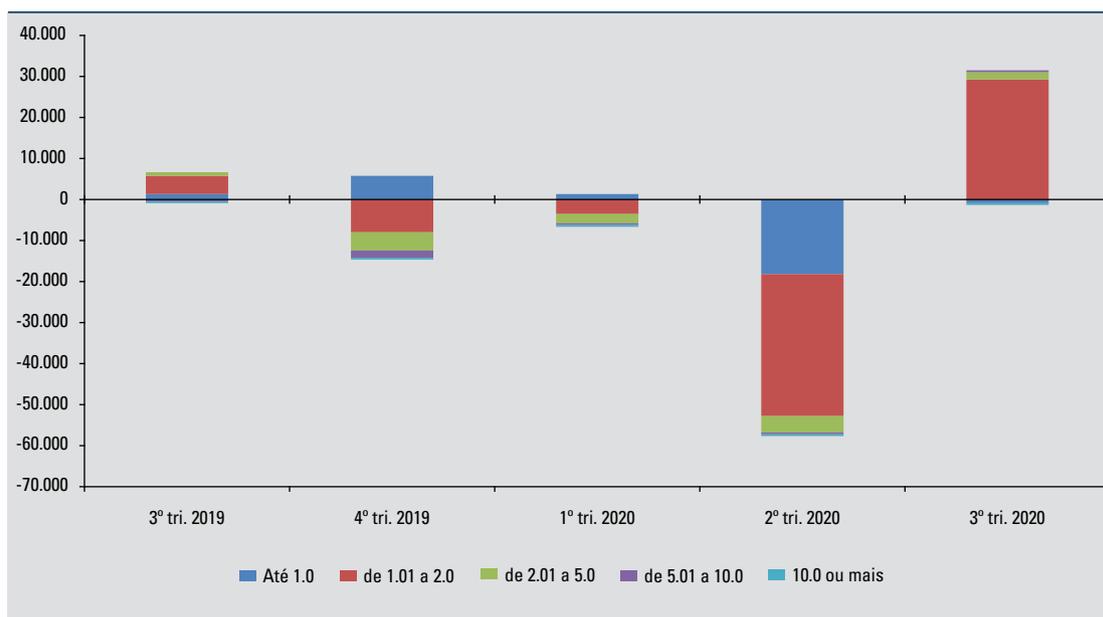
8 No boletim deste trimestre, o subtópico que trata dos salários médios de admissão e de desligamento não foi explorado por ausência de informações, lacuna provavelmente temporária, já que a captação das estatísticas do emprego formal se encontra em transição. A SEPRT, por sua vez, garantiu que o conteúdo será mantido, visto que o eSocial não somente capta todas as informações que constam no Caged como possui uma maior cobertura.

De julho a setembro, mesmo reforçado por um resultado positivo no agregado bastante dilatado – maior quantitativo trimestral dos últimos dez anos –, o surgimento líquido de vagas aconteceu apenas em três dos cinco estratos de remuneração analisados (de um a dois, de dois a cinco e de cinco a dez salários mínimos). A captação líquida de trabalhadores no trimestre mais recente, portanto, não se deu para os postos com as menores e as maiores remunerações, as faixas de até um e de dez ou mais salários mínimos – sendo a perda dessas vagas irrisória comparativamente ao somatório dos saldos positivos nas demais.

O maior corte líquido ocorreu na camada representada pelos que receberam até um salário mínimo. Por outro lado, o grupamento dos que receberam de um a dois salários mínimos despontou com a maior geração líquida de vínculos, numa magnitude bem superior às demais. Enfim, nesta fase, mesmo marcada por avanços do quadro econômico, o mercado de trabalho ainda não teve a capacidade de gerar postos de trabalho em todos os grupos salariais, concentrando as contratações nos postos de retorno financeiro relativamente baixo, os de um a dois salários mínimos – por sinal, grupo de maior rescisão líquida de contratos no pior momento da crise, ocorrida no trimestre imediatamente antecedente.

Neste contexto de saldos por faixa de salário mínimo, o panorama no terceiro trimestre deste ano se mostrou mais favorável do que o observado há um ano. Apesar de a geração líquida de postos também ter se dado em três classes à época (de até um, de um a dois e de dois a cinco salários mínimos), somente uma das faixas de rendimento, a de até um salário mínimo, não exibiu resultado líquido melhor agora – ou seja, as outras quatro categorias apresentaram saldo maior no trimestre mais recente. Em relação ao segundo trimestre, a cena se revelou significativamente mais opulenta, já que a supressão líquida de postos se mostrou presente em todas as categorias naquele intervalo e, além do mais, cada um dos estratos salariais exibiu um saldo melhor neste terceiro trimestre.

Gráfico 3
Evolução trimestral do saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo
– Bahia – 3º tri. 2019-3º tri. 2020



Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020; e ii) as informações trabalhadas não contemplam as declarações fora do prazo.

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC

Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, sintetizados na Tabela 4, a desocupação na Bahia atingiu 20,7% da população na força de trabalho no terceiro trimestre de 2020. O resultado em questão representou a maior taxa trimestral de desocupação desde o início da pesquisa⁹. No Brasil e no Nordeste, a desocupação ficou em 14,6% e 17,9%, respectivamente – valores que também ocupam o maior patamar de cada série correspondente.

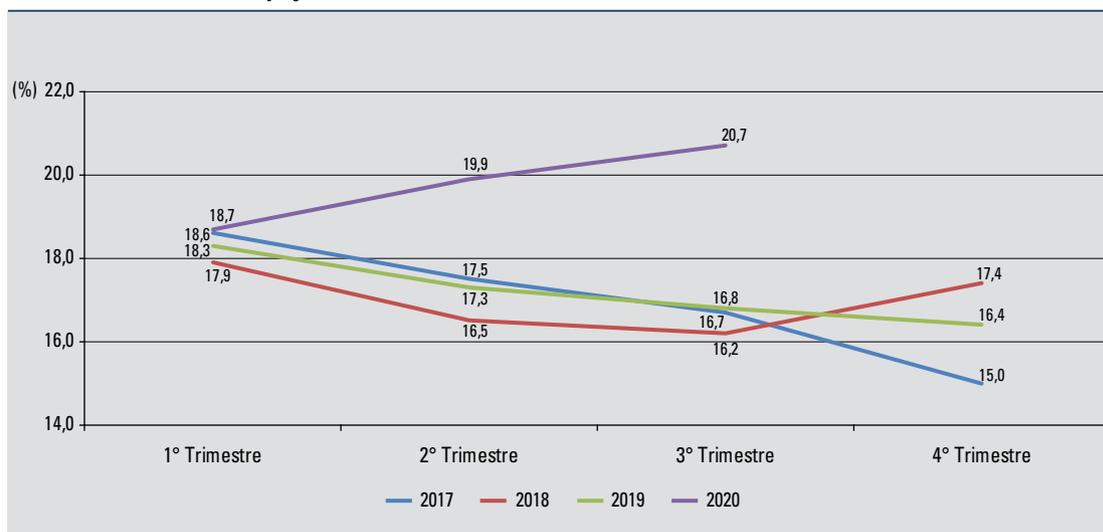
A Região Nordeste, por sinal, permaneceu com a mais alta taxa entre as regiões brasileiras, ficando a Região Sul com a menor (9,4%). Entre as unidades da Federação, a Bahia exibiu o índice mais elevado – fato repetido pela sexta vez em sequência. Sergipe (20,3%) foi o estado com a segunda maior taxa no período, e Santa Catarina (6,6%) apresentou a menor. Na Bahia, portanto, a referida taxa foi pouco mais que o triplo da observada em Santa Catarina.

A taxa de desocupação na Bahia se reduziu seguidamente ao longo do ano passado e recuou 1,9 ponto percentual, quando se comparam os índices do primeiro e do quarto trimestres. Entretanto, após um ano com três quedas sucessivas, chegando a 16,4% no último trimestre de 2019, a mencionada taxa subiu pela terceira vez consecutiva e acumulou uma alta de 4,3 pontos percentuais ao longo deste ano, suplantando, assim, em mais que o dobro, toda a redução materializada durante o ano antecedente (Gráfico 4).

Após a subida no segundo trimestre deste ano, quando atingiu 19,9%, a taxa de desocupação no estado ainda aumentou 0,8 ponto percentual no trimestre mais recente. Tal dinâmica seria uma surpresa em tempos normais, já que refletiria um comportamento bastante incomum do mercado de trabalho baiano no penúltimo trimestre do ano, quando se aguarda uma queda da desocupação – fato somente não observado em dois dos anos da série, os de 2015 e 2016. Essa guinada altista ainda resulta dos efeitos devastadores da crise sanitária do novo coronavírus no Brasil e no mundo. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2019, quando o indicador foi estimado em 16,8%, também houve crescimento, com a taxa mais recente ficando 3,9 pontos percentuais acima. No contexto atual, toda a perspectiva de reabilitação nutrida até final do ano passado perdeu sentido.

9 A PNADC foi implantada em caráter definitivo em janeiro de 2012.

Gráfico 4
Taxa trimestral de desocupação – Bahia – 2017-2020



Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

O nível da ocupação em território baiano diminuiu no comparativo com o trimestre imediatamente antecedente e também em relação ao de um ano antes, chegando ao menor valor da série¹⁰. A queda interanual, por sinal, foi de magnitude inédita. Dessa forma, o percentual de pessoas de 14 anos ou mais de idade ocupadas caiu para 39,5%, ao passo que havia sido de 40,1% e 48,4% no segundo trimestre deste ano e no terceiro de 2019, respectivamente. A taxa de participação também sofreu variações negativas e desceu ao menor patamar histórico, ficando em 49,9% no intervalo mais recente – quedas de 0,2 ponto percentual frente ao trimestre imediatamente antecedente e de 8,3 pontos percentuais em comparação com o terceiro trimestre de 2019¹¹.

No trimestre analisado, o mercado de trabalho baiano se deparou com redução na ocupação e aumento na desocupação. Com três recuos trimestrais seguidos, o contingente de ocupados chegou ao menor nível da série. A população ocupada foi estimada em 4,872 milhões, representando um recuo de 16,0% (-929 mil pessoas) em contraponto à do mesmo período do ano passado e de 0,1% (-4 mil) comparativamente à do trimestre anterior. A população desocupada foi calculada em 1,273 milhão de indivíduos, terceiro maior quantitativo já registrado na série – indicando uma alta de 5,4% (+65 mil) frente à do segundo trimestre e de 8,8% (+103 mil) em relação à do mesmo conjunto de meses de um ano antes.

A queda na ocupação combinada com a alta do número de desocupados desembocou numa subida da taxa de desocupação no estado. O movimento ascendente da taxa de desocupação em um ano ou em relação ao trimestre antecedente, portanto, esteve atrelado tanto à redução de pessoas trabalhando quanto ao aumento de indivíduos procurando por trabalho. Em relação ao registrado há um ano, o fechamento de postos (-929 mil) num volume acima ao da saída de indivíduos da força de trabalho (-826 mil) ajuda a explicar o aumento da quantidade de desocupados (+103 mil). No entanto, com uma maior população em idade de trabalhar, importante ressaltar que a alta da desocupação somente não foi mais expressiva por conta do crescimento do contingente fora da força de trabalho, que ampliou pela segunda vez seguida. Não à toa, esse

10 O nível da ocupação diz respeito ao percentual de ocupados em relação às pessoas em idade de trabalhar.

11 A taxa de participação se refere ao percentual de pessoas na força de trabalho em relação àquelas em idade de trabalhar.

quantitativo, que não estava ocupado nem desocupado na semana de referência, alcançou o maior registro da sequência, de 6,179 milhões de indivíduos – superando, pela primeira vez, o total de pessoas na força de trabalho.

Após duas quedas sucessivas, o conjunto dos informais se ampliou no trimestre mais recente. O quantitativo de formais, por sua vez, chegou ao segundo recuo seguido. Em termos interanuais, a queda da ocupação em território baiano decorreu enormemente do encolhimento do quadro de informais, já que o de formais decresceu de forma menos intensa. No entanto, do segundo ao terceiro trimestre, o recuo da ocupação derivou da baixa no montante de formais, visto que a variação positiva dos informais se mostrou insuficiente para suplantá-la. Por fim, o terceiro trimestre contabilizou 2,498 milhões de ocupados na informalidade e 2,375 milhões na formalidade.

O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, recuou quando comparado com o de um ano antes e aumentou em relação ao observado no trimestre imediatamente antecedente. No mais recente, entre os ocupados, 51,3% eram considerados informais, ao passo que, no mesmo trimestre do ano passado e no segundo de 2020, eram 54,2% e 48,1%, respectivamente. No Brasil como um todo, 38,4% dos trabalhadores se encontravam alocados na informalidade entre julho e setembro deste ano.

Além da alta no índice de desocupação no estado, a taxa composta de subutilização da força de trabalho também cresceu, alcançando 45,9% no trimestre mais atual – indicando, assim, expansões de 1,2 e 6,9 pontos percentuais em relação às estimativas do trimestre antecedente (44,7%) e do de um ano atrás (39,0%), respectivamente. Com essa nova alta, a taxa renovou o valor de pico e exibiu o maior registro da série¹². No Brasil, a taxa ficou em 30,3% no período retratado. A Bahia exibiu a quinta maior taxa de subutilização entre as unidades federativas. Atualmente, 3,526 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade se encontram na condição de subutilizadas em território baiano.

O montante de desalentados em terras baianas no terceiro trimestre deste ano foi de 792 mil pessoas, o terceiro maior da série¹³. Assim, houve um aumento de 11 mil (+1,4%) indivíduos nessa condição em um ano e um recuo de 57 mil (-6,7%) ao levar-se em consideração o segundo trimestre de 2020. Trata-se do maior contingente populacional de desalentados do país, constatação que se repete desde o início da pesquisa. Atualmente, a Bahia concentra 13,5% da população desalentada brasileira (5,866 milhões). O percentual de pessoas desalentadas no estado ficou em 11,4% de julho a setembro de 2020, o segundo maior registro da sequência histórica.

Considerando-se os grupamentos de atividade econômica, após um ano, o número de pessoas ocupadas diminuiu em nove do total de dez setores. No caso, o encolhimento do nível de emprego foi maior em *Serviços domésticos* (-38,1%), *Alojamento e alimentação* (-32,6%), *Construção*

12 A taxa composta da subutilização da força de trabalho retrata a relação entre o grupo dos desocupados, subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e força de trabalho potencial e o grupo delimitado pela força de trabalho ampliada (que é a soma da força de trabalho com a força de trabalho potencial).

13 Os desalentados são aqueles fora da força de trabalho que estavam disponíveis para assumir um trabalho, mas não tomaram providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias por, pelo menos, uma das seguintes razões: a) não ter conseguido trabalho adequado; b) não ter experiência profissional ou qualificação; c) não haver trabalho na localidade; ou d) por ser considerado muito jovem ou idoso.

(-28,5%) e *Outros serviços*¹⁴ (-27,8%); e relativamente menor em *Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas* (-19,6%), *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (-18,7%), *Indústria geral* (-14,0%), *Transporte, armazenagem e correio* (-10,8%) e *Administração pública, defesa, segurança, educação, saúde humana e serviços sociais* (-9,2%). Em compensação, a ocupação cresceu no setor *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (+3,3%).

Com base na PNADC, em sua edição trimestral, o rendimento médio real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no terceiro trimestre de 2020, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.743 – o segundo maior registro de toda a série. Em relação ao mesmo intervalo de 2019, quando estava em R\$ 1.577, houve alta de 10,5%. Num comparativo com o trimestre anterior, quando o valor estava em R\$ 1.795, ocorreu uma variação negativa de 2,9%. A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 8,149 bilhões, menor já contabilizada – significando diminuição de 3,9% frente à do trimestre imediatamente antecedente, de R\$ 8,482 bilhões, e de 7,8% num comparativo com a do mesmo período do ano passado, cujo valor havia sido de R\$ 8,840 bilhões.

Tabela 4
Síntese das principais informações da PNADC – Bahia – 3º tri. 2019/2º tri. 2020/3º tri. 2020

Indicador	Estimativa			Variação	
	3º tri. 2019	2º tri. 2020	3º tri. 2020	3º tri. 2020/ 2º tri. 2020	3º Tri. 2020 / 3º Tri. 2019
Taxa de desocupação	16,8%	19,9%	20,7%	0,8 p.p.	3,9 p.p.
Nível da ocupação	48,4%	40,1%	39,5%	-0,6 p.p.	-8,9 p.p.
Taxa de participação na força de trabalho	58,2%	50,1%	49,9%	-0,2 p.p.	-8,3 p.p.
Taxa composta de subutilização da força de trabalho	39,0%	44,7%	45,9%	1,2 p.p.	6,9 p.p.
Taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas	15,7%	13,1%	14,7%	1,6 p.p.	-1,0 p.p.
Percentual de desalentados ¹	10,1%	12,2%	11,4%	-0,8 p.p.	1,3 p.p.
Grau de Informalidade	52,9%	48,1%	51,3%	3,2 p.p.	-1,6 p.p.
População em idade de trabalhar (em mil)	11.988	12.152	12.324	1,4%	2,8%
População na força de trabalho (em mil)	6.971	6.085	6.145	1,0%	-11,8%
Ocupados (em mil)	5.802	4.876	4.872	-0,1%	-16,0%
Subocupados por insuficiência de horas trabalhadas (em mil)	913	637	715	12,2%	-21,7%
Desocupados (em mil)	1.170	1.208	1.273	5,4%	8,8%
População fora da força de trabalho (em mil)	5.017	6.067	6.179	1,8%	23,2%
População na força de trabalho potencial (em mil)	1.048	1.585	1.538	-3,0%	46,8%
Desalentados (em mil)	781	849	792	-6,7%	1,4%
População subutilizada (em mil)	3.131	3.430	3.526	2,8%	12,6%
Rendimento médio real habitual	R\$ 1.577	R\$ 1.795	R\$ 1.743	-2,9%	10,5%
Massa de rendimento real (em milhões)	R\$ 8.840	R\$ 8.482	R\$ 8.149	-3,9%	-7,8%

Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

(1) Trata-se do percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada.

¹⁴ O agrupamento ocupacional *Outros serviços*, baseado na Classificação Nacional de Atividades Econômicas Domiciliar, engloba três seções: Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

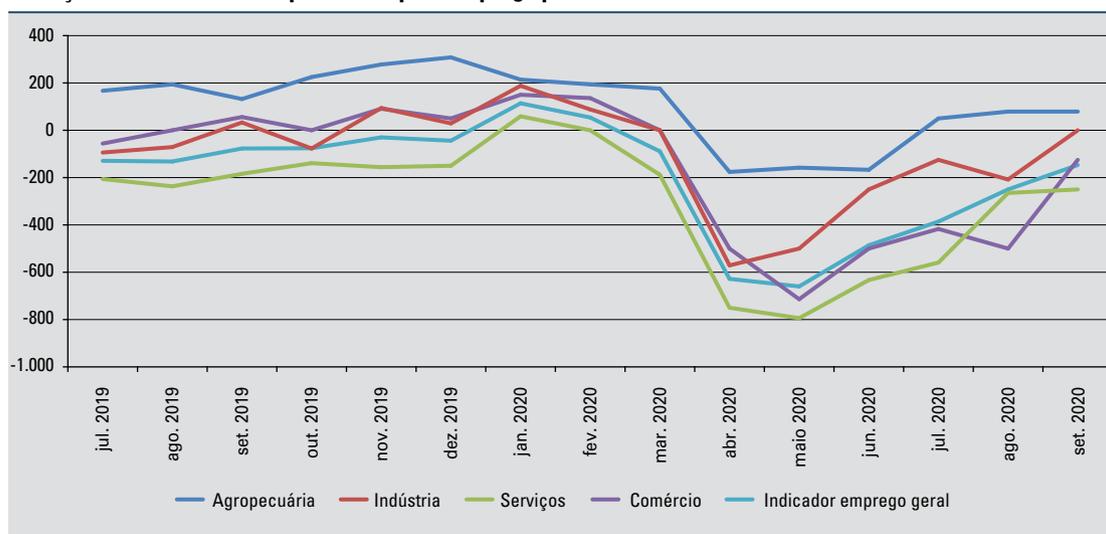
Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano sonda as expectativas dos empresários de diversos setores sobre os mais variados temas, dentre os quais a inclinação à contratação futura de trabalhadores. Construído a partir das respostas do empresariado da Bahia em relação aos planos de abrir, manter ou encerrar vagas, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) tem sido negativo desde março deste ano, ou seja, há sete meses – mas isso após dois meses seguidos com valor acima de zero.

Após o mês de janeiro, quando atingiu 114 pontos, maior patamar desde março de 2013, o referido indicador entrou em rota de declínio, fato somente interrompido em junho – de lá para cá, a trajetória tem sido de recuperação. Frente aos meses do segundo trimestre, os do intervalo em questão, indicam um progresso claro: julho, -386 pontos; agosto, -250 pontos; e setembro, -147 pontos. O mês de setembro, assim, registrou o maior nível desde iniciada a crise do novo coronavírus. Os resultados recentes, mesmo ainda sugerindo alguma apatia nas intenções de contratações em curto e médio prazos, representam certo refrigério diante do cenário de poucos meses atrás.

Em relação ao desfecho do trimestre imediatamente antecedente, além do mais, a melhora do indicador referente ao emprego se manifestou de forma generalizada, ou seja, ocorreu nos quatro setores (Gráfico 5). Faz-se importante destacar que, com isso, o pessimismo quanto ao emprego se dissipou e se manteve em apenas dois setores. Considerando-se que a pontuação pode variar de -1.000 a 1.000 pontos, o grupamento *Serviços* terminou no pior patamar entre os setores novamente, com -250 pontos ao final do intervalo. Na outra ponta, mais uma vez, o setor *Agropecuária* revelou a percepção mais favorável em relação às contratações futuras, com 79 pontos.

Gráfico 5
Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego por setor de atividade – Bahia – Jul. 2019-set. 2020

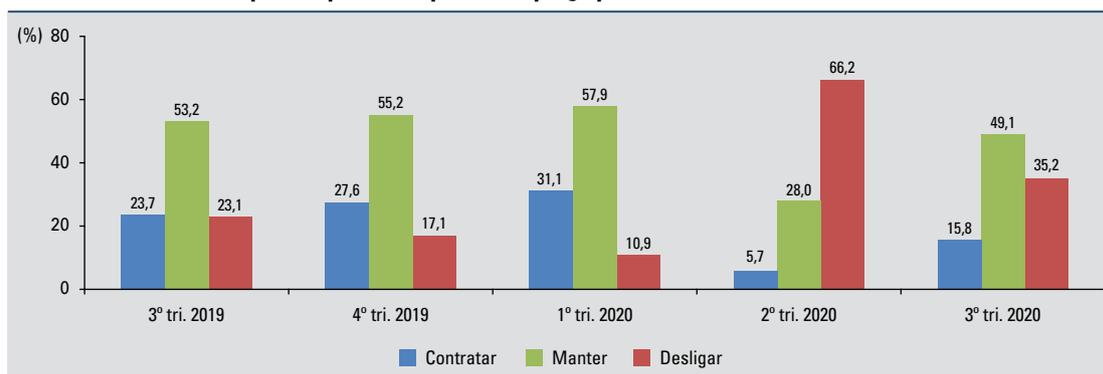


Fonte: SEI – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

No que diz respeito ao nível esperado de contratações futuras, na média do trimestre, 49,1% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores, 35,2% dos entrevistados pretendem promover o desligamento de empregados e 15,8% cogitam contratar (Gráfico 6). Pontualmente, depois de uma inversão nítida e alarmante no trimestre imediatamente antecedente, de forma que a proporção das empresas com intenção de comprimir o quadro de pessoal ultrapassou a das que preveem expansão, a distância entre elas, pelo menos, apresentou redução considerável no trimestre atual.

Conforme o gráfico abaixo, após uma alta e o maior patamar desde o registrado no segundo trimestre de 2016, o intento do setor produtivo baiano de enxugar o quadro de funcionários recuou quase à metade – apesar dos níveis ainda elevados. O fito de admitir, por sua vez, depois de perder fôlego e expor um percentual abaixo dos exibidos nos últimos 16 trimestres, avançou – permanecendo, no entanto, bem abaixo do nível observado no início deste ano. De resto, a perspectiva empresarial de manter o quantitativo de empregados voltou a se expandir, depois de ter encolhido bastante no intervalo imediatamente antecedente. Com expectativas ainda pouco satisfatórias, a esperança por uma recuperação do mercado de trabalho, presente até o início do ano, ainda não se firmou no horizonte¹⁵.

Gráfico 6
Percentual médio de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – Bahia – 3º tri. 2019-3º tri. 2020



Fonte: SEI – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

¹⁵ Levando-se em conta que a economia e, por tabela, o mercado de trabalho se encontram diante de uma quebra violenta e brusca, com choques vindos tanto da oferta quanto da demanda, o que dificulta a modelagem em capturar uma perturbação com tais características, optou-se por não apresentar a projeção do emprego formal neste boletim. Além do mais, outro obstáculo surge pela redução da comunicabilidade entre os pontos da série por conta das mudanças promovidas na forma de captação dos dados do Caged.

NOTA METODOLÓGICA

Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: *Grande Pessimismo*, de -1.000 a -500; *Pessimismo*, de -500 a -250; *Pessimismo Moderado*, de -250 a zero; *Otimismo Moderado*, de zero a 250; *Otimismo*, de 250 a 500; e *Grande Otimismo*, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Escala do ICEB



